

**DIÁLOGO INTERARTES:  
o caso de “Lua Vermelha”, poema e música**Wallace Rodrigues<sup>1</sup>**Resumo**

Por meio deste artigo, buscamos pensar a poesia e a música em uma relação interartes. Tentamos trabalhar com a letra da música “Lua Vermelha”, de Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes, como uma literatura poética pensada como “indisciplina” e que busca dinamizar um diálogo com a música. O nosso aporte para este trabalho parte de uma pesquisa bibliográfica e de uma análise qualitativa da letra da referida música/poema. Vale informar que aqui fazemos uma análise reflexiva da letra da música, utilizando-nos do pensamento tropicalista de construção musical. Nossos resultados revelam a riqueza do diálogo interartes entre poesia e música no Brasil, e entendemos “Lua Vermelha” como um claro exemplo disto. Nossa análise revelou o uso do mecanismo estético Tropicalista na construção de “Lua Vermelha”, a forte ligação romântica do poema com o romanceiro popular nordestino e com a cultura sertaneja, trazendo à tona uma brasilidade fundante de aspectos culturais de nosso país a partir de um texto multimodal e cheio de sentidos variados.

**Palavras-Chave:** Poesia; Música; Diálogo interartes.

**INTERARTS DIALOGUE:  
the case of “Lua Vermelha”, poem, and music****Abstract**

Through this paper, we seek to think about poetry and music in an interarts relationship. We try to think of the lyrics of the song “Lua Vermelha”, by Carlinhos Brown and Arnaldo Antunes, as a poetic literature thought of as “indiscipline”, and that seeks to stimulate a dialogue with music. Our contribution to this work is based on bibliographical research and a qualitative analysis of the lyrics of this song/poem. It is worth informing that here we make a reflective analysis of the lyrics of the song, using the Tropicalist thought of musical construction. Our results reveal the richness of the interarts dialogue between poetry and music in Brazil, and we understand “Red Moon” as a clear example of this. Our analysis revealed the use of the Tropicalist aesthetic mechanism in the construction of “Red Moon”, the strong romantic connection of the poem with the popular northeastern romances and with the *sertanejo* culture, bringing to the fore a founding Brazilianness of cultural aspects of our country from a text multimodal and full of varied meanings.

**Keywords:** Poetry; Song; Interarts Dialogue.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire/UFNT) e da Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (PPGLLit/UFNT). Doutor em Humanidades, Mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e Mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Licenciado pleno em Educação Artística pela UERJ e com complementação pedagógica em Letras/Português e em Pedagogia. Realizou pesquisa de pós-doutorado na Universidade de Brasília – UnB/POSLIT. [novowalace@hotmail.com](mailto:novowalace@hotmail.com)

## **Introdução**

Se uma forma de arte sozinha já consegue abarcar nossos sentidos de forma intensa, imaginemos duas formas de arte tão poderosas como a poesia e a música! É neste caminho que este trabalho tenta traçar um diálogo entre arte literária e arte musical. Utilizamos para esta tentativa de análise e relações interartes a letra da música “Lua Vermelha”, escrita pelos poetas Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes.

Para nossa análise buscamos uma abordagem qualitativa e de cunho bibliográfico. Utilizamos autores como Candido (2008), Saddi (2011), Soethe (2009), Coelho (1996), Clüver (1997), Pignatari (1997), Rodrigues (2014, 2022), entre outros, para aportar conceitos que entendemos como relevantes para nossa discussão neste texto.

O que nos levou a buscar uma análise do poema/música “Lua Vermelha” foi a contundente interpretação do poeta e músico Arnaldo Antunes no vídeo do “26º Prêmio da Música Brasileira: Especial Maria Bethânia”. A interpretação monotonal de Antunes e os seus movimentos de cabeça denotavam uma tentativa de tratar o poema/música como uma oração ou um canto “monástico”.

Vale ressaltar que “Lua Vermelha” foi gravada em formato CD por Maria Bethânia em dois álbuns: “Âmbar”, de 1996; e “Imitação da vida”, de 1997. Ainda, foi também gravada no CD intitulado “Qualquer”, de Arnaldo Antunes, de 2006.

Temos que informar, também, que Arnaldo Antunes (Arnaldo Augusto Nora Antunes Filho, nascido em 1960) é um renomado músico (mais conhecido por suas participações nos grupos “Titãs” e “Tribalistas”), escritor, performista, ensaísta, compositor musical e poeta brasileiro (com vários livros escritos, tendo vencido o Prêmio Jabuti de poesia com os livros “As Coisas” (Iluminura, de 1991) e “Agora aqui ninguém precisa de si” (de 2015).

Já Carlinhos Brown (Antônio Carlos Santos de Freitas, de 1962) é um famoso músico, compositor musical, arranjador, percussionista e artista visual brasileiro. Ele ganhou, como premiação, dois Grammy’s Latinos e um Oscar de Melhor Canção Original (com Sérgio Mendes) pela música “Real in Rio”, do filme “Rio” (de 2011). Brown é conhecido por suas colaborações com os mais diversos músicos e também fez parte do grupo musical “Tribalistas”, ao lado de Marisa Monte e Arnaldo Antunes.

**Sobre o/a poema/música “Lua Vermelha”**

A interação entre diferentes formas de artes sempre esteve presente na história da humanidade. Esse diálogo interartes também tem uma imensa força na cultura brasileira, pois os artistas brasileiros parecem gostar de colocar as mais diversas formas de artes em íntimo contato.

A poesia brasileira sempre manteve uma grande ligação com as mais diferentes formas de artes. A poesia com as artes visuais, como no caso de Mira Schendel (cf. RODRIGUES, 2022), do romance poético *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, e a pintura homônima de Alberto da Veiga Guignard; a poesia e a música, como no caso de Cartola, Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Gilberto Gil, entre tantos outros diálogos interartes. E, nessa esteira de poetas músicos e/ou músicos poetas, podemos incluir o nome de Arnaldo Antunes, foco de nossa análise neste trabalho.

Sobre os estudos interartes, Paulo Soethe (2009, p. 34, grifo nosso) esclarece-nos que:

*Os comparatistas norte-americanos acrescentaram ao modelo da disciplina – até então muito fixado nas literaturas (consequência da segmentação positivista-cientificista do saber) e nas literaturas nacionais (herança tácita do idealismo nacionalista romântico) – algo novo: a abertura para o diálogo com outras áreas do saber e com outras artes. Isso rendeu conquistas interdisciplinares e transdisciplinares (o diálogo com a história, por exemplo), inaugurou o importante campo dos estudos interartes (relações entre literatura e pintura, literatura e música etc.) e fez jus, afinal, à liberdade dos textos literários de estabelecer diálogo com as comunidades de comunicação que eles integram sem que a pesquisa acadêmica venha impor-lhes limites de cima para baixo, por razões metodológicas que nada têm a ver com as dinâmicas sociais e comunicativas da literatura.*

Ainda:

*um aspecto da literatura comparada em sua vertente dos estudos interartes: a relação entre literatura e música. Essas duas artes são consideradas sobretudo “artes temporais”, já que se desenvolvem diante do leitor ou do ouvinte ao longo de um determinado tempo, e operam com categorias temporais como ritmo, cadência, compasso, métrica. É possível estabelecer comparações formais bastante complexas entre textos literários e composições musicais (SOETHE, 2009, p. 133, grifo nosso).*

Pensarmos a composição musical “Lua Vermelha” como texto poético, literário, faz-nos perceber a letra de tal música como efetivo poema. Isso acontece não somente pelo seu caráter poético, mas pela própria construção de Antunes e Brown, seu ritmo, pelas imagens sugeridas, pelos sentidos ofertados etc. Sobre poesia e poema, temos que

poesia é o estado “emotivo” ou “lírico” do poeta, no momento da criação do poema; o estado lírico reviverá na alma do leitor se este lograr transfigurar o poema em poesia. Poema é a fixação material da poesia, é a decantação formal do “estado lírico”. São as palavras, os versos e as estrofes que se dizem e que se escrevem, e assim fixam e transmitem o “estado lírico” do poeta (AMORA apud COELHO, 1996, p. 49).

Talvez, por “Lua Vermelha” ser uma composição tão poética, Maria Bethânia a tenha gravado duas vezes em dois CDs diferentes. Sabemos que esta cantora prioriza as músicas que detêm aspectos sentimentais e poéticos profundos, onde um forte eu lírico grita poesia.

Além disso, “Lua Vermelha” revela uma imensa força da linguagem poética na criação de imagens. A inusitada construção poética traz em si uma criação de sentidos únicos por meio de imagens sensoriais. Sobre essa criação de imagens e sentidos em poesia, Saddi (2011, p. 4011, grifo nosso) informa-nos:

Indagamo-nos se a persistência da poesia em nossa cultura – tão fortemente ancorada na lógica e no racional, no concreto e material –, não poderia ser pensada como um modo de manter a possibilidade de criação e autonomia para as linguagens, os pensamentos e as ações nas nossas vidas. Seria esta persistência uma recusa não reativa, nem passiva à dominação, mas uma recusa ativa, através da *criação de imagens e sentidos que escapam a normatização*.

Seguimos, agora, para a leitura da letra da música como poema, buscando captar e compreender alguns de seus vários sentidos interpretativos:

### **Lua Vermelha**

Lua vermelha  
Quase sem amor  
Minha luz alheia  
Brilho sem calor

Lua vermelha  
Branca lua preta  
Lambe a minha orelha  
Com a sua cor

Lua vermelha  
10 da madrugada  
Sapos na calçada  
De nenhum país

Lua vermelha  
Noite sem Luís  
Toda sertaneja  
Eu sempre te quis  
Eu sempre te quis  
Eu sempre te quis  
Eu sempre te quis  
Sempre te quis

Lua vermelha  
Minha namorada  
Flor desabrochada  
Leite de Pequim

Lua vermelha  
Noite que menstrua  
Lua, lua, lua  
Por cima de mim

Lua vermelha  
Pedra que flutua  
Que ilumina o poste  
Que ilumina a rua

Lua vermelha  
Meia de Luís  
Toda sertaneja  
Eu sempre te quis  
Eu sempre te quis  
Eu sempre te quis  
Eu sempre te quis  
Eu sempre te quis

Lua vermelha  
Ave, flecha, pluma  
Pérola madura  
Sono do dragão

Lua vermelha  
Só uma centelha  
Dura enquanto dura  
Bolha de sabão

Lua vermelha  
Fora da bandeira  
Bola japonesa  
No céu do sertão

Lua vermelha  
Negra de Luís  
Toda sertaneja  
Eu sempre te quis  
Eu sempre te quis  
Eu sempre te quis  
Sempre te quis  
Eu sempre te quis  
Eu sempre te quis

Sempre  
Sempre  
Sempre...

Apesar de cantada por Arnaldo Antunes em tom monotônico, “Lua Vermelha” jamais será monótona. Há uma necessidade de constância poética na declamação e que se torna canção<sup>2</sup>. É como se fosse uma ladainha, do latim “litanía” ou “oração”. Antunes interpreta esta poesia como uma cantata em forma de ladainha, cantilena.

Vale ressaltar que a lua vermelha se refere ao fenômeno astronômico de um eclipse lunar total, e que os eclipses totais são geralmente chamados de luas vermelhas. Na verdade, lua de sangue é só um nome impactante que dão a este fenômeno de avermelhamento da lua. Tal fenômeno é raro e acontece somente em eclipses da superlua, quando ela nos parece maior desde a Terra. O eclipse lunar ocorre quando a Terra, o sol e a lua estão em perfeito alinhamento, e o planeta Terra fica no centro.

Vale notar que a construção da letra da música “Lua Vermelha” se dá como um poema, em claras estrofes e com um número de versos variados por estrofe. Na primeira estrofe (“Lua vermelha / Quase sem amor / Minha luz alheia / Brilho sem calor”), os poetas revelam a “frieza” da lua, distante e sem amor, como algo inalcançável pela distância, assim como um amor não correspondido.

Na segunda estrofe (“Lua vermelha / Branca lua preta / Lambe a minha orelha / Com a sua cor”), parece haver uma aproximação da lua por meio dos sentidos dos poetas (lambendo a orelha com a cor vermelha). Vale ressaltar que vermelho é uma cor primária e que detona aproximação. O jogo entre cores branco e preto reforça o sentido sensorial do poema. Aqui notamos que a lua parece tornar-se pessoa, uma mulher.

---

<sup>2</sup> Aconselhamos a apreciação de “Lua Vermelha” no vídeo do 26º Prêmio da Música Brasileira: Especial Maria Bethânia, a partir do tempo 21m23s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9qSHjXMFmp4&t=1285s>.

Na terceira estrofe (“Lua vermelha / 10 da madrugada / Sapos na calçada / De nenhum país”), os poetas tomam uma certa irracionalidade na composição, pois não existe 10 da madrugada e nem nenhum país (uma terra sem demarcação territorial e sem dominação). Aqui o jogo de palavras auxilia a dar um sentido conturbado à composição.

Na quarta estrofe (“Lua vermelha / Noite sem Luís / Toda sertaneja / Eu sempre te quis”), há uma clara ligação da lua vermelha com a vida dos sertanejos, cantada em muitas músicas do famoso sanfoneiro, compositor e cantor pernambucano Luiz Gonzaga do Nascimento (Exu, 1912 – Recife, 1989). Há também uma tentativa de aproximação romântica da conhecida música “Luar do Sertão”, cantada por Luiz Gonzaga e de composição de Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco. Ainda, a repetição de “Eu sempre te quis” revela o desejo de aproximação afetiva do eu lírico para com a lua.

Na quinta estrofe, (“Lua vermelha / Minha namorada / Flor desabrochada / Leite de Pequim”), mostra a clara revelação da lua como namorada do eu lírico. A lua como uma flor em plena beleza e como algo raro, como um leite do outro canto do mundo. Aqui há uma evidente personificação da lua como uma mulher a ser amada.

Na sexta estrofe (“Lua vermelha / Noite que menstrua / Lua, lua, lua / Por cima de mim”), mostra-nos que a lua menstrua, ou seja, coloca-se vermelha e é associada, novamente, a uma jovem mulher. Essa lua por cima do eu lírico revela que o poeta olha para cima para vê-la, para o alto, pois ela é “superior” a ele.

Na sétima estrofe (“Lua vermelha / Pedra que flutua / Que ilumina o poste / Que ilumina a rua”), o eu lírico revela aspectos de satélite da Terra, composta por resíduos rochosos e que reflete a luz do sol que a ilumina, iluminando o mundo. Recebendo e ofertando luz.

Na oitava estrofe (“Lua vermelha / Meia de Luís / Toda sertaneja / Eu sempre te quis”), há o retorno às referências de Luiz Gonzaga e ao sertão. Também há, mais uma vez, a repetição de “Eu sempre te quis” por cinco vezes. Essas repetições ajudam a dar ritmo ao poema. A utilização recorrente de “Lua vermelha” no começo das estrofes também funciona para ritmar e cadenciar o poema.

Na nona estrofe (“Lua vermelha / Ave, flecha, pluma / Pérola madura / Sono do dragão”), parece haver uma tentativa do eu lírico de mostrar leveza (pluma), beleza (pérola) e tranquilidade (sono), mas sempre com a busca de sentidos não muito claros, deixando

perceber a utilização de palavras inusitadas para dar uma certa instabilidade criativa à composição, o que nos instiga a pensar mais profundamente sobre o que nos é dito.

Na décima estrofe (“Lua vermelha / Só uma centelha / Dura enquanto dura / Bolha de sabão”), parece querer dar-nos o sentido do curto tempo de duração do eclipse, metaforizando-o com uma centelha e o tempo de duração de vida de uma bolha de sabão, algo rápido e passageiro. Daí, há que se aproveitar este tempo, pois este é efêmero.

Na décima primeira estrofe (“Lua vermelha / Fora da bandeira / Bola japonesa / No céu do sertão”), o eu lírico vê a lua fora de nossa bandeira nacional, pois a lua nela não está presente, mas está na bandeira do Japão (uma bola vermelha) e no céu sertanejo. Vale ressaltar que o sertão é uma área territorial na região agreste do Nordeste brasileiro, afastada dos centros urbanos e litorâneos e com difíceis terras cultiváveis. Parece haver, por parte do eu lírico, uma nostalgia em relação ao sertão, tomando-o como lugar de romances, de paixões.

Na décima segunda estrofe (“Lua vermelha / Negra de Luís / Toda sertaneja / Eu sempre te quis”), percebemos, mais uma vez, referências a Luiz Gonzaga, ao sertão e ao desejo do eu lírico em namorar a lua e ter um enlace romântico com ela. A partícula “Eu sempre te quis” volta a repetir-se por mais cinco vezes. Há uma diminuição poética para “Sempre te quis” e para “Sempre”, por três vezes na última estrofe.

Como podemos perceber, há uma tentativa do eu lírico em namorar a lua durante seu eclipse. Ela afeta profundamente seus sentidos, mas ele também percebe que o tempo de duração do eclipse é curto e que o romance não se concretiza. Ele fica no desejo, como repete, por várias vezes, em “Eu sempre te quis”. Há aí uma tentativa de amor que está fadado a não se concretizar.

A lua é claramente metaforizada como uma mulher, que menstrua, dando a ela um aspecto feminino. A esse feminino, o eu lírico liga leveza, beleza, negritude, branquitude, entre outros atributos de uma bela mulher sertaneja e interiorana.

Percebemos que Antunes e Brown aproximam-se muito, na construção de “Lua Vermelha”, do mecanismo tropicalista de jogar com palavras que têm claras raízes na cultura brasileira e suas múltiplas referências (neste caso, da vida sertaneja, na percepção de uma bela mulher do interior do agreste nordestino, na brasilidade dos atributos do sertão, nas referências às artes na pessoa de Luiz Gonzaga, entre outros pontos).

Sobre esse método de composição tropicalista, Rodrigues diz-nos que ele vem sendo aprimorado, como herança dos modernistas da Semana de 1922, e chega até nós, na atualidade, como um modelo inusitado de construção poética:

se os tropicalistas não criaram um manifesto para difundir as ideias de seu movimento, como os modernistas o haviam feito (aliás, os modernistas criaram vários manifestos e revistas), a música “Tropicália” dava a linha de pensamento e de mecanismos estéticos típicos do movimento tropicalista. Nela vemos a utilização de *uma mistura, aparentemente desconexa, de várias representações “tipicamente” brasileiras*, como a construção de Brasília, a figura de Carmen Miranda, o carnaval, as mulatas, as terras férteis e verdejantes, a figura da mulata, as águas azuis, os coqueiros, entre outros (RODRIGUES, 2014, p. 265, grifo nosso).

Assim, a estética utilizada na criação de “Lua Vermelha” não somente se aproxima da estética tropicalista, mas também revela a riqueza da poesia e dos movimentos de tensão (temporais, visuais, locais etc) estruturantes do referido poema, como nos informa Antonio Candido (2008, p. 31, grifo nosso):

tensão violenta entre, de um lado, a realidade cruel do presente e a nostalgia do passado; de outro, a projeção irreal sobre o futuro. No cruzamento de ambos, isto é, do passado e do futuro, fica situado o drama atual. *Sobre esses princípios estruturantes, expressos por pares de sentidos contraditórios, que puxam o significado para extremos opostos, atuam os princípios organizadores da sua unidade, responsáveis pelo impacto final em nossa sensibilidade.*

Ainda, a construção de “Lua Vermelha” parece ter sido, realmente, arquitetada para impactar nossa sensibilidade brasileira, dando sentidos, oferecendo imagens e resgatando memórias as mais diversas de nossa cultura sertaneja, nordestina, agreste, interiorana, romântica etc.

Compreendemos, ainda, que o ritmo do poema é dado pela grande repetição de “lua vermelha” e de “eu sempre te quis”, assumindo um compasso de recitação, pois o poema, mesmo quando cantado por Arnaldo Antunes, detêm um sentido de cadência regular, quase que como uma oração recitada.

Sobre a necessidade dos estudos interartes, ligando-se à literatura comparada e aos estudos semióticos, Claus Clüver (1997, p. 54) alerta-nos que:

Estamos preparando as ferramentas e a formação necessária à nova geração que terá que trabalhar com textos que combinam e fundem diferentes meios e sistemas de signos, e que poderá então lidar com a

maior parte da criação artística do nosso tempo, voltada exatamente a produzir esse tipo de texto.

Dessa forma, a utilização dos textos interartes pode auxiliar-nos no entendimento de textos multimodais, multissemióticos, multisensoriais. Os sentidos de tais textos vão ao encontro direto dos estudos interartes, pois esses textos não somente são os textos de nossa atual era digital pós-industrial, mas são os textos com os quais os jovens lidam de forma cotidiana. O entendimento dos diversos textos, como objetos que podem oferecer sentidos das mais diferentes maneiras (e podem até ser alterados), deve ser uma constante na educação. Daí a necessidade de preparação dos profissionais da educação para a compreensão, leitura, usos e críticas desses textos que podem deter os mais variados sentidos a partir de como os desejamos ler (pois podem ser lidos por meio de várias modalidades artísticas).

Compreendemos, portanto, que os estudos interartes caminham na mesma direção dos estudos dos textos como estruturas multissensoriais (que podem ser lidos por meios de muitos de nossos sentidos), multimodais (que oferecem vários modos de leitura) e multissemióticos (que nos ofertam uma grande gama de sentidos). E em nossa sociedade digital, há uma necessidade premente de formação de profissionais que possam trabalhar com textos multimodais de maneira eficiente (a alcançar seus objetivos propostos) e que consigam compartilhar esses conhecimentos com outras pessoas.

### **Considerações finais**

Este artigo buscou compreender o poema “Lua Vermelha”, de autoria de Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown, como poesia, revelando o estreito diálogo interartes entre literatura e música na sociedade brasileira.

Percebemos que os poetas não somente aderem a uma forma de cantar tal poema em forma de ladainha, de oração, mas também que há uma forte vertente cultural brasileira em sua composição estética, que liga esse poema aos movimentos da Antropofagia e do Tropicalismo. Esse mecanismo de construção de “Lua Vermelha”, que se utiliza de referências marcadamente brasileiras em sua composição, enriquece muitíssimo o trabalho artístico analisado e nos oferece várias maneiras de compreendê-lo, multiplicando suas leituras.

Os poetas se utilizaram de uma estética Tropicalista para a composição do poema “Lua Vermelha”, pois amalgamaram referências muitas nacionais, tentando criar uma identificação brasileira para o poema por meio da tensão de referências. Sobre esse mecanismo estético, Rodrigues (2014) diz-nos que ele também foi utilizado na criação da música “Tropicália”.

Assim, a obra de arte coloca-se como objeto único, original, um verdadeiro “signo novo” (cf. PIGNATARI, p. 1997), cheio de sentidos próprios e que pode ser entendido, também, como um texto multimodal, multisensorial, multissemiótico. Isso demanda novas formas de entendimento dos leitores, de preparação teórica e prática, demandando diferentes formas de leituras para diferentes linguagens relacionadas.

Por fim, explicamos que utilizamos o poema “Lua Vermelha” como uma obra literária e obra multimodal, que pode enriquecer não somente a nossa compreensão do que seria um objeto artístico a nos demandar multileituras para sua compreensão, mas também que inter-relacionar diferentes formas de artes e oferecer uma imensa gama de sentidos e de sensibilizações que favoreçam nosso enriquecimento sensível e intelectual.

### **Referências**

- CANDIDO, A. *Na sala de aula: cadernos de análise literária*. São Paulo: Ática, 2008.
- COELHO, N. N. *Literatura & Linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. 4. ed. São Paulo: Quíron, 1996.
- CLÜVER, C. Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos. *Literatura e Sociedade*, v. 2, n. 2, p. 37-55, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i2p37-55>. Acesso em: 18 nov. 2022.
- PIGNATARI, D. *Informação linguagem comunicação*. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- RODRIGUES, W. Em busca da poesia visual nas monotipias de Mira Schendel. *Revista Porto das Letras UFT*, Porto Nacional, v. 8, n. 2, p. 1-13, 2022. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/5174>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- RODRIGUES, W. Tropicalismo e identificação nacional: cultura da sociedade brasileira através do cinema. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação FURB*, v. 8, n. 3, p. 263-272, nov. 2014. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/4314>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SADDI, M. L. S. Os desenhos no céu: sonho e poesia. *Anais do 20º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes (ANPAP)*. R. Janeiro, 2011, p. 4000-4012.

Disponível em: [http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/maria\\_luiza\\_saboia\\_saddi.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/maria_luiza_saboia_saddi.pdf).

Acesso em: 05 nov. 2022.

SOETHE, P. A. *Literatura Comparada*. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.